



PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E INTERDISCIPLINARIDADE: REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO, E REDES SOCIAIS *

TORQUATO, Rosane Andrade

Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO. Graduada em Pedagogia pela PUCPR; Especialista em Educação, Arte e Terapia, e Educação a Distância.
Email: rosane.torquato@yahoo.com.br

FUJINAGA, Cristina Ide

Professor Adjunto C – Departamento de Fonoaudiologia da UNICENTRO. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO.
E-mail: cifujinaga@gmail.com.

GONZAGA, Carlos Alberto Marçal

Professor Adjunto C – Departamento de Administração da UNICENTRO. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO.
E-mail: gonzaga@unicentro.br.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir alguns conceitos sobre as categorias tecnologias, comunicação, educação e redes sociais na produção do conhecimento neste século. Indica-se a viabilidade de um pensar sobre a interdisciplinaridade como meio e promotora de uma relação dialógica entre essas categorias. Identifica-se a necessidade de se inferir um olhar investigativo sobre as possibilidades de novas formas de produção do conhecimento com intencionalidade pedagógica a partir das redes sociais *on line*, elemento este que possibilita o encontro das categorias aqui descritas.

Palavras-chave: tecnologias – educação – interdisciplinaridade

ABSTRACT

This article aims to reflect on some concepts about technologies, communication, education, and social networks categories on knowledge production in this century. Indicate the feasibility of interdisciplinary thinking as a way to promote a dialogic relationship between these categories. Identifies the need to infer an investigative look at new forms of knowledge production with pedagogical intent from online social networks, element that allows the meeting with the categories here described.

Key-words: Technologies - education – interdisciplinarity

* Este trabalho recebeu apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP UNICENTRO e da CAPES.



INTRODUÇÃO

A razão iluminista, elemento estruturante da modernidade e grande responsável pela organização do ensino no mundo ocidental, encontra dificuldades hoje em dar paradigmas absolutos em relação à produção do conhecimento tanto local quanto global. O modo de produzir, executar e circular o conhecimento não mais se restringe as imposições das conveniências institucionais, porém vai forçando o deslocamento dos lugares produtores de conhecimento e de educação, assim como também a um constante re-pensar. É preciso refletir um contexto de sociedade multicultural que é caracterizado pela diversidade, sofre impactos, mas também impacta e desafia com novas produções de conhecimento. Edgar Morin (2002, p.88) comenta que “Hoje em dia, admite-se cada vez mais que... o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo, como o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes.”

Desta forma, definir ou (re)definir relações entre a subjetividade e a realidade objetiva, vai se apresentando como um mundo de incertezas, requisitando novas formas de pensar a produção do conhecimento e os desafios ocasionados pelos impactos das categorias tecnologias, comunicação, educação e redes sociais. Não se tem aqui a intenção de apresentar uma investigação detalhada sobre estes temas, porém o de apontar a importância da reflexão em torno destas categorias como elementos importantes na produção do conhecimento que se abre para a interdisciplinaridade. A própria compreensão destes elementos indica a necessidade de uma interrelação de conceitos e práticas que talvez, necessariamente, se colocam numa proposta interdisciplinar e de interdiscursividade.

1 TECNOLOGIAS E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

A sociedade em que se vive hoje caracteriza-se principalmente pelo domínio da tecnologia. Isso não é algo novo se olhar-se para os dois últimos séculos e meio (para as chamadas Revoluções Industriais) e elencar-se as descobertas e inovações técnicas desde as grandes máquinas industriais, de transporte, dentre outros campos do saber. Entretanto, a proposta neste artigo é apontar com base em alguns teóricos o conceito de Tecnologia para além de seu caráter instrumental.



No processo de construção de uma definição do que seria Tecnologia, Feenberg (1999) citado por Dagnincy e Novaes (2004) tece uma relação desta com o conceito de mercadoria baseado em conceitos marxianos. O conceito de fetiche da mercadoria mostra o conteúdo de classe da produção do capitalismo de sua época. Para Karl Marx, o fetiche da mercadoria era a inserção de um valor imaginário a esta, resultando no entendimento das leis econômicas como sendo naturais e independentes da história. Criticar o fetichismo é desvelar o segredo da acumulação de capital e das origens da mais valia, identificando o capitalismo como um modo de produção historicamente constituído e a mercadoria como uma forma de relação entre as classes sociais que nasce com este modelo econômico. Numa fala clássica em *O Capital*, Marx (1996, p. 198) declara que “o misterioso da forma mercadoria consiste simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos produtos do trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social existente fora deles, entre objetos.”

A mercadoria relaciona-se com o conceito de tecnologia na medida de que ambas são produtos da ação humana socialmente produzidas e afeitas à ação do fetiche que este produto social encarna através do modo capitalista. Ao contextualizar a Tecnologia e defini-la como elemento sócio-cultural, com influências históricas, políticas, que rompe com a visão de neutralidade e de mera instrumentalidade, Feenberg identifica seu caráter ideológico e de racionalidade técnica.

No uso marxiano, o fetichismo das mercadorias não é a atração pelo consumo, mas a crença prática na realidade dos preços colocados nas mercadorias pelo mercado. Como destaca Marx, o preço não é, de fato, um atributo "real" (físico) das mercadorias, mas a cristalização de uma relação entre os fabricantes e os consumidores. No entanto, o movimento das mercadorias do vendedor para o comprador é determinado pelo preço como se ele fosse real. Do mesmo modo, o que se mascara na percepção fetichista da tecnologia é seu caráter relacional, justamente porque ela aparece como uma instância não-social de pura racionalidade técnica. ((FEENBERG, 1999, p. 25 *apud* Dagnincy e Novaes (2004)

Diferentemente do instrumentalismo (acredita-se que a tecnologia é simplesmente uma ferramenta ou instrumento da espécie humana para satisfazer nossas necessidades); do determinismo (defende-se que a força motriz da história é o avanço tecnológico, ou seja, a tecnologia controla os humanos) e do Substantivismo (atribui-se valores substantivos à



tecnologia, envolve compromisso com uma concepção específica de uma vida boa), Andrew Feenberg indica a possibilidade de Teoria Crítica.

Este é a posição em que me coloco. A teoria crítica da tecnologia sustenta que os seres humanos não precisam esperar um Deus para mudar a sua sociedade tecnológica num lugar melhor para viver. A teoria crítica reconhece as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico ressaltadas pelo substantivismo, mas ainda vê uma promessa de maior liberdade na tecnologia. O problema não está na tecnologia como tal, senão em nosso fracasso até agora em inventar instituições apropriadas para exercer o controle humano dela. Mas, poderíamos adequar a tecnologia submetendo-o a um processo mais democrático no *design* e desenvolvimento. (FEENBERG, 2003, p.9)

Em síntese a tecnologia é uma construção social complexa, imbricada em meio a questões políticas, incorporando valores da sociedade industrial, e tornando-se em geral um instrumento de dominação cultural e controle social. Não determina por si só a realidade, não é autônoma e nem neutra. Porém, constitui-se na interação da ação-reflexão-ação do qual não apenas alguns, mas diferentes atores sociais devem participar de sua elaboração, produção e apropriação. É necessário desenvolver uma crítica contextualizante e contextualizada dos artefatos tecnológicos para os ambientes sócio-histórico-culturais nos quais os mesmos foram concebidos. Esta prática poderá colaborar no desenvolvimento de um processo consciente de como ocorre, dentre outras coisas, a produção do conhecimento para a reprodução, produção e transformação das tecnologias, possibilitando não a poucos, porém a muitos a apropriação destes conhecimentos.

As chamadas novas tecnologias na chamada sociedade da informação ganham destaque. E este artigo delimita seu olhar sobre as chamadas tecnologias de informação e comunicação. CASTELS (1999) apresenta cinco aspectos considerados por ele como bases do paradigma da informação: primeiro, a informação como sendo a matéria-prima e constitutiva da atividade humana; segundo, a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias e sua capacidade de moldar situações de vida individual e coletiva; terceiro, a lógica de redes no uso das novas tecnologias da informação que estrutura o não estruturado, mas preserva a flexibilidade; o quarto aspecto diz respeito a flexibilidade dos sistemas de redes em que a reversibilidade dos processos e a capacidade de reconfiguração da rede aponta para este novo paradigma tecnológico, caracterizado por mudanças a todo instante; e por último, o quinto aspecto fala da convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado (exemplo, a integração dos computadores, telecomunicações e microeletrônica num único sistema.). Parece



não haver dúvidas que o desenvolvimento tecnológico possibilitou que a informação passasse a representar a mola mestra na oferta de bens e serviços. Estas tecnologias configuram-se como um dos elementos mais dinâmicos da atual economia mundial. Interferem no cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo. Leva diferentes pesquisadores, de diferentes áreas do conhecimento a refletirem sobre seus benefícios e mal-estar sobre o indivíduo e a sociedade. No entanto, o que parece certo: está ocorrendo um deslocamento dos locais (legitimados) produtores de educação e conhecimento. Uma nova comunicação vai requisitando novas capacidades leitoras que se estabelecem em linguagens e códigos ancorados em signos icônicos, sonoros, digitais, etc. Será necessária e até mesmo possível uma ação interdisciplinar entre áreas como a Educação, Comunicação e Tecnologias a fim de vislumbrar e refletir novas formas de produção do conhecimento?

2 TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: CAMINHOS QUE SE INTERCRUZAM NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

No processo de desenvolvimento humano e tecnológico percebe-se desde a oralidade, a escrita, a correspondência, a imprensa, o telégrafo, o rádio, o telefone, o cinema, a televisão, o vídeo até o computador, apresentarem-se como meios criados e recriados pelo homem como transformadores do seu espaço e do seu tempo, numa tentativa de estabelecer novas relações, e comunicação.

Definir a palavra comunicação é um grande desafio devido à polissemia que se constrói em torno da própria palavra. Está presente na vida de todos os indivíduos. Não é um objeto neutro ou exterior a si. Diferentes áreas do conhecimento tentam defini-la. Etimologicamente comunicação do latim *comunicare* (séc.XIV) quer dizer por em comum, partilhar. Para Dominique Wolton (2004) é este sentido que todos esperam: o de partilhar algo com alguém. Entretanto é a partir do século XVII que surge outro sentido que conduz a um outro sentido, o de difusão que ajudará no desenvolvimento da livraria e mais tarde a imprensa. Porém progressivamente os dois sentidos vão se distanciando devido ao volume de documentos e de informações difundidas, apontando para a difusão como não condição obrigatória de partilha. Em suas pesquisas sobre comunicação e sociedade este pesquisador aponta para a dificuldade de análise em torno do tema comunicação, entretanto é necessário insistir sobre esta.



Poucos setores foram confrontados com mutações tão rápidas nos últimos 50 anos, mas, sobretudo, há poucos que sejam tão recentes como este. A escola, a cidade, as ciências e o exército também foram afetados por mudanças imensas, mas são de sectores antigos das nossas sociedades onde existem tradições de análise; enquanto a comunicação só explodiu, como valor característico da modernidade, há cerca de meio século. O que mostra quão recente é este fenômeno. Ao mesmo tempo, a comunicação tornou-se de tal maneira presente na economia, nas técnicas, na política, que o discurso dos agentes (empresários, engenheiros, homens políticos e jornalistas) invadiu tudo. Já quase deixou de haver lugar para dizer outra coisa. E, contudo, é indispensável compreender, de tal modo a comunicação se colou à pele das sociedades contemporâneas. O que está aqui em causa é o estatuto do conhecimento. (WOLTON, 2004, p.4,5)

A Comunicação tem grande êxito hoje, porque segundo Wolton(2004) as técnicas libertam o homem das condicionantes ancestrais do tempo e do espaço, o que lhe permite ver, falar e estabelecer trocas em todas as partes do mundo diariamente e permanentemente, além de amplificar a comunicação enquanto uma necessidade antropológica e símbolo da modernidade. São indicados três sentidos para o significado de comunicação: o primeiro é que esta é uma experiência antropológica fundamental, pois, não existe vida individual e coletiva sem comunicação e para tanto a sociedade cria e define regras para que esta ocorra de forma partilhada, o que indica aqui sua função normativa. Segundo, comunicação é também o conjunto de técnicas, hoje entendida tanto quanto comunicação direta entre duas ou mais pessoas, quanto aquela à distancia, mediatizada pelas tecnologias (telefone, TV, rádio, informática...). Terceiro, a comunicação tornou-se uma necessidade social funcional para economias interdependentes, ou seja, o modelo dominante é o da abertura nas relações comerciais e políticas, desta forma as técnicas da comunicação desempenham um papel indispensável. “Se tudo está aberto e em interação com uma divisão internacional do trabalho, então os sistemas técnicos, dos computadores às redes e aos satélites, são uma necessidade funcional, sem relação com o modelo de comunicação normativo.” (WOLTON, 2004, p.11)

Por outro lado é importante aqui evidenciar que tanto a comunicação normativa (ideal de comunicação, partilha de qualquer coisa em comum), quanto a funcional (comunicação interpessoal, não numa perspectiva de intercompreensão ou intersubjetividade, mas na eficácia ligada à necessidades ou a interesses) não podem ser reduzidas uma ao espaço privado e outra ao público. Não são raras as vezes que a comunicação funcional parece fazer parte de ambientes familiares, enquanto em ambientes administrativos ou comerciais são percebidos aspectos da dimensão normativa, de partilha.



Numa tentativa de síntese, comunicação é muito mais do que uma identificação apenas com as mídias. Dominique Wolton aponta para quatro fenômenos complementares: primeiro, comunicação é o ideal de expressão e de troca que está na origem da cultura ocidental e consequentemente da democracia; em segundo lugar é também o conjunto das mídias de massas; é em terceiro lugar o conjunto das novas técnicas (que a partir da informática e das telecomunicações e da interrelação destas vem transformando consideravelmente as relações). É enfim, valores, símbolos e representações que organizam o funcionamento do espaço público. “Quer dizer, tudo o que permite às colectividades representar-se, entrar em relação umas com as outras, e agir sobre o mundo. Estas quatro dimensões da comunicação caracterizam, pois, tanto a comunicação directa como a comunicação mediatizada pelas técnicas; as normas e os valores que a promovem, bem como os símbolos e as representações que animam as relações sociais. (WOLTON, 2004, p.368)

Porém, as facilidades impostas pelo avanço da tecnologia não são garantia de melhora nas relações e trocas. O nível de complexidade da comunicação humana é profundo. Aquilo que deveria aproximar os seres humanos transforma-se, muitas vezes, no principal elemento de afastamento.

A comunicação não é uma instituição legitimada historicamente pela sociedade como promotora de educação e da transmissão dos saberes sistematizados. Entretanto, não se nega seu carácter de formação e de produção de significados compartilhados. Para Baccega (2011) alguns dos desafios que se colocam na inter-relação das novas tecnologias, educação e comunicação é a superação da eterna discussão sobre a adequação e utilização das tecnologias nos ambientes escolares e acadêmicos, obrigando a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas; outro desafio é o de conhecer a diversidade de que a multi, inter e transdisciplinaridade dos diversos saberes dialogam entre si e que os resultados de pesquisas tem apontado “os meios de comunicação como os maiores produtores de significados compartilhados que jamais se viu na sociedade humana” (BACCEGA,2011,p.35)

Imersa num contexto de grande complexidade e, assim como as tecnologias, carregada de diversos sentidos (porque não pode ser desvinculada de seu contexto sociocultural), a comunicação precisa ser refletida e questionada. Wolton (2004) e Martín-Barbero (2011) apontam para a necessidade do desenvolvimento da capacidade crítica como uma das



possibilidades de resistência aos aspectos dominantes e ideológicos impostos ou mediados pela comunicação. É aqui que a tanto a comunicação quanto a educação podem ter um papel de manutenção, reprodução, produção e transformação do conhecimento.

Em uma de suas definições sobre educação, Paulo Freire (2011, p.91) declara que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Percebe-se aqui a dimensão comunicativa da educação, inserida num contexto histórico-cultural, vivida por homens e mulheres em busca de humanização. “Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo.” (SOARES, 2011, p.23)

A sociedade da informação baseada nas novas tecnologias, de acessos múltiplos e complexos, vai criando condições para alterações nas formas dos relacionamentos, do pensamento, das práticas sociais, costumes, dentre outros. Ao falar sobre as tecnologias da informação Martín-Barbero (2010) argumenta que devido a centralidade que a informação e o conhecimento tem na chamada sociedade global, as tecnologias da informação estão transformando o sentido de lugar no mundo, e alerta para o surgimento de um ecossistema comunicativo, tão vital como o ecossistema verde, ambiental.

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias – desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da Internet – com sensibilidades novas, claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante. Trata-se de uma experiência cultural nova ou como chamou Walter Benjamin, um *sensorium* novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.125)

Neste contexto de linguagens complexas que se utilizam da linguagem verbal, não-verbal, visual, audiovisual, assim como de diferentes discursos, a inter-relação entre novas tecnologias, comunicação e educação vai exigindo uma nova forma de lidar com a produção, (re)produção e transformação do conhecimento. Os conhecimentos que circulam dentro dos espaços legitimados de saber, principalmente na escola, tornam-se um espaço cruzado por



mensagens, signos e códigos que não estão limitados especificamente aos conteúdos da chamada educação formal institucionalizada, porém é cruzada e perpassada por redes de “hibridismo”. Para Citelli (2006) é necessário discutir a importância da escola e do diálogo entre o campo da comunicação e o campo da educação, pois, estes se constituem como redes de conhecimentos que não estão mais restritos em torno da oralidade primária ou da escrita, porém através da interconexão das várias formas de produção, circulação e recepção de produtos culturais midiáticos. Martín-Barbero (2011, p.132) vai adiante e alerta que: “Um dos maiores desafios que o ecossistema comunicativo faz à educação é: ou se dá a sua apropriação pelas maiorias ou se dá o reforçamento da divisão social e a exclusão cultural e política que ele produz”.

Desta forma, a relação com o conhecimento é compreendida como algo que vai rompendo com seu caráter meramente objetivo e quantitativo. A educação passa a entender o conhecimento como algo complexo. Nas palavras de Edgar Morin:

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos... comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e, além disso, da análise à síntese, da síntese a análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. (MORIN, 2002, p24)

A educação enquanto ato de conhecimento (como postulado por Paulo Freire!) é para Morin (2000) construída com bases no diálogo com a incerteza, com a problematização, com a busca pela lucidez. É muito provável que com base nestes pressupostos as novas tecnologias, comunicação e educação poderão em suas inter-relações construir um pensar e agir interdisciplinar como possibilidade a este novo contexto que se coloca à produção do conhecimento.

3 REDES SOCIAIS: O FACEBOOK COMO POSSIBILIDADE NA (RE)PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Dados recentes confirmam que quase a metade da população brasileira já tem acesso à internet. Em pesquisa recente o IBGE apontou que subiu de 41,6% para 46,5% entre 2009 e



2011 o total da população de dez anos ou mais que tinha acesso a internet no momento da pesquisa. A pesquisa também identificou a caracterização deste grupo: a maioria são jovens entre 15 e 19 anos, sendo que o número de pessoas com idade entre 10 e 14 anos também cresceu quase a metade no mesmo período. (VALOR ECONÔMICO, 2013). Outra fonte, a União Internacional de Telecomunicações (UIT) por meio da pesquisa “Medindo a Sociedade da Informação” indicou que “ A proporção de domicílios com computador no Brasil subiu de 45% para 50% no final de 2012. A proporção de domicílios com acesso à Internet apresentou crescimento ainda mais significativo, passando de 38% em 2011 para 45% em 2012.” (PORTAL BRASIL, 2013)

Outro dado importante resultante da pesquisa acima refere-se ao aumento de acessos a internet da chamada população nativa digital. São chamados nativos digitais os jovens conectados (com cinco ou mais anos de experiência online) e na faixa etária entre 15 a 24 anos de idade. “O Brasil ocupa o 37º lugar no ranking, com 60,2% dos jovens dessa faixa etária conectados, equivalente a 20.081.178 pessoas, o que corresponde a 10,1% da população total do País.” (PORTAL BRASIL, 2013)

Imerso numa realidade social de grandes contrastes e desafios (saneamento básico, moradia, saúde pública, educação, segurança pública, dentre outros), o Brasil também busca soluções para a melhoria das telecomunicações. O acesso a internet tem crescido, mas ainda com grandes enfrentamentos a serem resolvidos na chamada inclusão digital (que diz respeito não só ao acesso das novas tecnologias enquanto instrumento, mas também enquanto dimensão sociocultural).

Para a produção do conhecimento desenvolvida nos espaços historicamente legitimados enquanto instancias formais, há novos desafios e perspectivas diante da eclosão da cultura das mídias e mais recentemente da cultura digital. Os saberes sistematizados historicamente ultrapassam a linha do tempo-espaço demarcados, até então, pelos limites da sala de aula e centrados na figura do professor (CITELLI, 2006; MARTIN-BARBERO, 2011).

Hoje, os alunos têm acesso rápido a muitas informações provenientes de diferentes fontes, e não mais apenas como meros receptores, porém também como interlocutores e participantes, numa constatação de comunicação e interatividade no desenvolvimento de conhecimentos. A internet configura-se hoje como um dos principais elementos da chamada revolução digital, que desenvolve mudanças na cultura, no imaginário, nas formas de aprender



e ensinar, dentre outras questões mais amplas e de caráter multidimensional. Caracterizada por múltiplas linguagens dos quais estas são detentoras também de elementos específicos (TORQUATO, 2013), a internet aponta para a presença das redes sociais como elemento marcante na vida da população jovem, com destaque aqui para a rede social *Facebook*.

Em 2004 a rede social *Facebook* surge nos Estados Unidos como rede privada universitária, o que para muitos dá a conotação de ambiente de ensino. Logo surgem preocupações em torno da segurança e privacidade. Entretanto a rede nos últimos dez anos foi crescendo de forma consistente, o que tem levado pesquisadores acadêmicos a buscar o que de positivo existe nesta rede social online que venha a caracterizá-la como ambiente de aprendizagem.

O termo “redes sociais” tem suas bases numa perspectiva sociológica que indica elementos como a partilha, confiança, reciprocidade. Estas características relacionam-se com as mesmas já apresentadas acima na conceituação de comunicação e educação. Mas, ao falar de “redes sociais online” é necessário identificar os elementos particulares a este tipo de espaço que se faz por meio de artefatos tecnológicos. Segundo Fernandes (s/d, p.01) as redes sociais online apresentam uma “disponibilidade tecnológica generalizada com características de interatividade propiciadoras de ambientes com múltiplos utilizadores”. Lemos e Lévy (2010) chegam a afirmar que estas experiências nas Comunidades e Redes Sociais on-line é uma nova maneira de fazer sociedade.

Apesar da existência de outras redes sociais *on line* como o *MySpace*, o *Friendster*, e do *Orkut*, pesquisas apontam o *Facebook* como a rede mais usada entre estudantes universitários. No Brasil, dados indicam que já é a rede social com mais acessos com fortes influencias no comportamento de relações comerciais dos indivíduos (BRASIL LINK,2013).

O *Facebook* possibilita a elaboração de perfis, comentários, grupos de amigos, grupos de discussão, partilha de ideias, assim como controla quem pode participar e realizar determinadas ações (EDUCAUSE, 2007).

Com experiência no ensino formal em Portugal, Patrício e Gonçalves (2010) comentam que o *Facebook* é um dos ambientes virtuais, que por ser um espaço popular e informal e de grande potencial de partilha e comunicação, tem se tornado mais interessante que as plataformas institucionais de suporte ao processo ensino-aprendizagem.



Nos últimos anos, verificamos que os alunos, sobretudo a nível pessoal, comunicam e interagem mais continuamente por meio de redes sociais do que através da plataforma de b-Learning de suporte ao processo ensino/aprendizagem.

Nos primeiros meses de aulas do ano letivo 2009/2010, de Setembro a Dezembro de 2009, a plataforma de b-Learning da instituição (<http://www.virtual.ipb.pt>) foi o único espaço utilizado para disponibilizar informação sobre os conteúdos programáticos, publicar recursos, materiais e informação diversa relacionada com a unidade curricular, bem como ferramentas de comunicação síncrona (chat) e assíncrona (fóruns), para fomentar a interação, a partilha de ideias, o debate e o esclarecimento de dúvidas.

No entanto, o empenho em impulsionar o uso da plataforma não foi bem sucedido, verificando-se apenas um aumento de acessos em períodos que precediam momentos de avaliação para descarregar os recursos da unidade curricular. (PATRICIO; GONÇALVES, 2010, p.594)

Ao observar no *Facebook* ações de um grupo de académicos de curso de pós-graduação *strictu sensu*, tem-se identificado que de fato há possibilidades na rede social para ações que privilegiem a aprendizagem e possíveis elementos para a produção de novos saberes. O *Facebook* deste grupo é apenas de alunos do referido curso. Elementos como recados, dicas, compartilhamentos, curtidas são as principais ações neste grupo. Entretanto, este olhar ainda que empírico, identifica a importância da presença de um mediador como interlocutor da aprendizagem (seja este o professor ou algum mecanismo que afirme esta postura). Indica-se aqui a necessidade de um aprofundamento nesta observação com características científicas, com um olhar pedagógico que se abra ao diálogo.

O *Facebook* é um recurso que se caracteriza como recurso tecnológico, o qual indica novas formas de comunicação e que conforme a intencionalidade dos seus usuários e mais precisamente dos meios académicos, poderá se tornar espaço de educação que se constrói de forma interativa, numa relação todos-todos; em que atores sociais de diferentes formações académicas e profissionais poderão colaborar efetivamente com seus discursos, numa metodologia dialógica, característica esta de práticas interdisciplinares. O local e tempo da produção do conhecimento vão, desta maneira, ganhando novos contornos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias tecnologias, comunicação, educação e redes sociais aqui sucintamente apresentadas são construções socioculturais que enquanto áreas de produção de conhecimento



precisam ser melhor observadas, numa perspectiva investigatória séria e aberta a diferentes interlocutores.

Os espaços legitimados pela produção do conhecimento encontram-se hoje diante de alguns desafios: a urgente e necessária visão e ação interdisciplinar entre as diferentes categorias aqui identificadas que, pela interdiscursividade que permeia o verdadeiro diálogo, busca novas soluções para a legitimação de diferentes saberes que por não terem ainda uma validação científica não deixam de ser verdadeiros. Outro desafio é que estamos imersos numa sociedade multicultural (e que aqui inclui-se a cultura das imagens, das diferentes linguagens que configuram o chamado ecossistema comunicativo).

No Brasil muitas ações das políticas públicas em relação a essas categorias ainda resumem-se ao seu caráter meramente instrumental, refletindo um caráter ideológico e político-econômico. Já existem algumas pesquisas, por exemplo, de caráter comercial em torno da utilidade das redes sociais conforme fontes aqui citadas. Entretanto, ainda há poucas pesquisas relacionadas às redes sociais online (como o *Facebook*) enquanto espaço possível para as relações de ensino e aprendizagem, relações estas promotoras de novas produções de conhecimento escolar e acadêmico.

Diante destas questões e outras que possam surgir, novas perguntas são necessárias a fim de que o processo de reflexão-ação em torno da complexidade dos múltiplos aspectos que permeiam as categorias tecnologia, comunicação, educação e redes sociais auxiliem na compreensão das (novas) formas de produção de conhecimento. Perguntas estas que devem ser elaboradas de forma simples como Santos (2001) indica, a fim de que suas respostas atinjam o âmago de nossas dúvidas. É preciso investigar as possibilidades.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina C. (org.) *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 31-42

BRASIL LINK. Os dados mais recentes para os usuários de internet do Brasil, 22/04/2013. Disponível em <http://brasillink.usmediaconsulting.com/2013/04/os-dados-mais-recentes-para-os-usuarios-de-internet-do-brasil/> acesso em 23/06/2014.



CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson. Escola, linguagem e diversidade cultural nos contextos midáticos. In: *Revista Comunicação e Educação*, ano XII, número 03, set-dez 2007. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/7109/6410>. Acesso em 10/09/2011.

EDUCAUSE; (2007). 7 Things You Should Know About Facebook II. [Online]; disponível em <http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7025.pdf>. Acesso em 26/06/2014.

FEENBERG, Andrew. O que é a filosofia da tecnologia. Trad. Agustin Apaza e Daniel Durante P. Alves, 2003. Disponível em https://www.ige.unicamp.br/site/aulas/132/Feenberg_Filosofia_da_Tecnologia.pdf . Acesso em 05/06/2014.

FERNANDES, Luis. Redes sociais online e educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes. S/d. Disponível em http://www.trmef.lfernandes.info/?page_id=72 . Acesso em 15/05/2014.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Trad. Rosyska Darcy de Oliveira. 15ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LEMONS, André e LÉVY, Pierre. *O Futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo. Paulus, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicación y cultura mundo: nuevas dinámicas mundiales de lo cultural. *Signo pensam.*, Bogotá, v. 29, n. 57, July 2010 . Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-48232010000200002&script=sci_arttext acesso em 10/06/2014.

_____. Desafios culturais: da comunicação à educação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina C. (org.) *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.121-134.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários a educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya. Sao Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NOVAES, Henrique; DAGNINO, Renato O. Fetiche da tecnologia. In: *ORG & DEMO*, v.5,n.2, p.189-210, 2004. Disponível em <http://200.145.171.5/ojs-2.2.3/index.php/orgdemo/article/viewFile/411/311>. Acesso em 10/06/2014.

PATRÍCIO, Maria Raquel. GONÇALVES, Vítor. Facebook: rede social educativa? In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de



Educação, 2010. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>. Acesso em 25/05/2014.

PORTAL BRASIL. Domicílios com acesso a internet no Brasil, 2013. Disponível em http://www.brasil.gov.br/acl_users/credentials_cookie_auth/require_login?came_from=http%3A//www.brasil.gov.br/governo/2013/10/domicilios-com-acesso-a-internet-no-brasil-crescem-de-38-2011-para-45-em-2012. Acesso em 24/06/2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 12^a.ed.Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 2001.

SOARES, Ismar de O. Educomunicação: um campo de mediações. In CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina C. (org.) *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.13-30.

TORQUATO, Rosane Andrade. Blogs: um olhar pedagógico sobre espaços de relacionamentos e comunicação. In: XI Congresso Nacional de Educação, Curitiba, PR: PUCPR 2013.p.3973-3986. Disponível em http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/13814_6632.pdf. Acesso em 15/05/2014.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Trad. Vanda Anastácio. Portugal: Difel, S/A, 2004.

VALOR ECONÔMICO. IBGE: Acesso a internet cresce e chega a 46,5% da população em 2011. In: Valor Econômico, 16 de maio de 2013. Disponível em <http://www.valor.com.br/brasil/3126418/ibge-acesso-internet-cresce-e-chega-465-da-populacao-em-2011#ixzz35aF7nqoP>. Acesso em 24/06/2014.